

PEGADA ECOLÓGICA X PAULADA GEOGRÁFICA: Saberes educacionais para além de um perigoso “ambientalismo” (Ecological footprint x Punch geographic: educational knowledges as well as a dangerous “environmentalism”)

Christian Dennys Monteiro de Oliveira

Editor - Geosaberes

cdennys@gmail.com

1

A Edição Número 5 da **Revista GEOSABERES** nos vem apresentar um conjunto de reflexões fortemente marcadas pelo signo da formação para o desafio ambiental contemporâneo. Não se tratou de um direcionamento temático específico; muito menos da agenda de um evento em Educação Ambiental. Caminhos e descaminhos, que sustentam a problemática ambiental na Geografia, demonstram que seu epicentro permanece no plano educacional. Neste reconhecimento, sete das dez contribuições que a Revista apresenta, manifesta uma interlocução direta com a problemática. Verificaremos adiante – a título de exposição e convite a leitura – os artigos que esta quinta edição teve a oportunidade de selecionar como atualização desse epicentro.

Contudo, para uma Geografia Educacional que, mais de trinta anos depois de iniciado o movimento de renovação crítica, ainda quer moldar sua eficiência político-pedagógica, alguns indicadores da retórica fundamentalista tornam-se mais do que um alerta. Eles expressam o risco de todo um esforço do cotidiano escolar e acadêmico para ampliar a sensibilidade da cultura ambiental moderna ser *apunhalado* por uma espécie de terror *anti-humanista*. Discurso que culpa a Humanidade como o *inimigo público número um* (e único) do Planeta Terra; e cujas frentes de ataque combinam e conduzem à numerologia dos índices apocalípticos. Como se não bastasse a aclamação infinita dos estados de crise ambiental e os espetáculos das conferências internacionais para contê-las com seus fracassos sucessivos (Copenhague +15, Rio +20, entre as que virão), ainda emergem os jogos aritméticos de inspiração malthusiana para nos convencer de que nossa geografia existencial é verdadeiramente uma punição à “geografia” do Planeta!

Um desses índices é a *Pegada Ecológica*¹, assim definida no portal da WWF-Brasil, com base no livro publicado em 1996 por William Rees e Mathis Wackernagel: *trata-se de traduzir, em hectares (ha), a extensão de território que uma pessoa ou toda uma sociedade “utiliza”, em média, para se sustentar*. Fortalecendo tão instigante ideia, aparentemente “inofensiva”, um respeitado ecólogo cearense pergunta, em linear artigo do Jornal OPOVO (edição de 13/12/2012): *Quantas pessoas a Terra pode suportar?* Adiante complementa: *Qualquer novo indivíduo rico ou pobre é mais um consumidor a exercer pressão sobre os recursos limitados do planeta*. Isso após fazer o cálculo assombroso de que nosso índice de produção humana estaria em 2,5 seres humanos por segundo! Tudo para reforçar que consumimos mais Natureza do que poderíamos. Não se trata de ignorar as desigualdades. Trata-se de afirmar o humano como o mais ilegítimos dos seres terrestres.

Por isso, em irônica respostas a estas alucinantes *Pegadas Ecológicas*, convidamos o leitor a acolher os artigos como forças reagentes: *Pauladas Geográficas*. Manifestações de saberes que batem mais fundo e discordam de toda essa superficialidade descabida, de aritméticas rasas. A “saúde” da Terra não é um dado pré-humano. É o projeto apocalíptico sim, pois seu significado grego remete ao ato de desvendamento e descoberta². Dimensão que teimamos em esquecer. Daí ser bom lembrar. Eis algumas dicas reflexivas:

¹ A mesma pode ser calculada a partir do acesso ao site

<http://www footprintnetwork.org/en/index.php/GFN/page/calculators/>

² Conforme nos lembra o filósofo Castor Bartolomé Ruiz em *Os Paradoxos do Imaginário* (Ed. Unisinos, 2004, p.169), vinculando o termo a descoberta de sentido e evitando seu reducionismo quando rapidamente aceitamos apenas “apocalipse” de destruição ou caos.

Começamos a lembrança com texto de Marisa Ribeiro Moura, **O Professor De Geografia e sua Prática Profissional: Qual Seu Papel Na Sociedade Atual?** O rico questionamento remete o autor a tratar exatamente do convívio entre a especialização e a formação mais ampla, para gestar a amplitude da aprendizagem universitária, apesar de todos os pesares. Em seguida, Calado recupera a dimensão dos meios didáticos para em, **O Ensino De Geografia e o Uso dos Recursos Didáticos e Tecnológicos**, lembrar a diversificação deste uso, bem como sua associação aos conceitos estruturantes. **Mas alerta ao tratar deste ensino nas séries iniciais que o parâmetro do “tradicional” permanece reinante. No questionamento da leitura ambiental, indagá-riamos:** o discurso sobre uma natureza “frágil” com metodologias críticas ainda mais frágeis tem nos levado a qual formação? Cordeiro inicia a sequência de textos nessa área e criativamente propõe respostas pelo caminho da arte popular. Seu texto **O Xote Ecológico de Luiz Gonzaga e a Educação Ambiental na Escola: Uma Experiência Com Alunos do Ensino Fundamental**, lida com um exemplo na turma de 9º ano de uma escola na Paraíba para orientar a letra da música, na decodificação qualitativa de um cotidiano complexo dos alunos. O que os permite por em discussão tanto a abrangência do desaparecimento dos recursos naturais, como a expressão usada no refrão: *Poluição Comeu*.

Da Paraíba para o Ceará o texto seguinte **Educação Ambiental Contextualizada no Semiárido Cearense: Subsídios a Gestão e Preservação dos Recursos Hídricos**, de Farias, Borges e Silva advoga a adequação de políticas públicas sensíveis e dialógicas frentes às práticas de Educação Ambiental. Especialmente no contexto das potencialidades e limites do semiárido, cujos desafios exigem uma aliança sustentável entre a escola e a comunidade. O que será direcionado, no texto seguinte, de Cristiane Castro Feitosa Melo, para discussão de **A Reciclagem do Lixo Urbano como contribuição ao Ensino de Geografia**. O autor sugere, antes de ilustrar um caso escolar local, a discussão *histórica da ecologia e do ambientalismo*; permitindo uma visão da problemática de forma integrada a construção da modernidade. Na sequência, **Turismo e Conhecimento na escala local: A experiência com um livro paradidático no Município de Ortigueira-PR** é o título do trabalho desenvolvido por Calvente, Pelarim e Lopes, que retoma as reflexões sobre recursos não convencionais na prática escolar, articulando novamente os desafios turismo local. E para não perder de vista os instrumentos mais convencionais – embora distanciados pela emergência das tecnologias da informação – **A Geografia Escolar e os Recursos Didáticos: O Uso das Maquetes no Ensino-Aprendizagem da Geografia**, de Silva e Muniz, visa responder às dificuldades de contextualização da realidade como representação corpórea do espaço. O que nos reorienta a lembrança, de forma sutil: a sustentação topográfica continua indispensável ao ethos ambiental.

Em Caminhos da Sustentabilidade: Análise preliminar das práticas Pedagógicas e o Ensino Aprendizagem dos alunos na Escola Família Agrícola Rio Peixe - Balsas/Ma o universo das comunidades rurais maranhenses marca presença para expor sua leitura do ambiental. O estudo aborda a temática sob a lógica dos movimentos sociais em busca do ordenamento territorial, visando um projeto de Educação do Campo, com a *pedagogia da alternância*. Como, nesta parte final o assunto volta-se à questão formativa, os textos que encerram a edição debatem as condições de formação do professor de Geografia, no Brasil e em Espanha. Primeiro temos **A Universidade Estadual Vale do Acaraú e a Formação Docente em Geografia: Reflexões sobre a Licenciatura em Campina Grande, Paraíba – Brasil**, de Oliveira, Leandro e Vasconcelos observando, no recorte temporal de um triênio, os vínculos entre os trabalhos de conclusão e estágios supervisionados. E para encerrar **Experiencia de Formación Didáctica en Geografía Dentro del Espacio Europeo de Educación Superior (Eees)**, desenvolvido pela equipe de professores da Universidade de Sevilha (Pérez de Azpillaga; García Martín; Garrido Cumbreira; López Lara), interpreta a aplicação de cinco módulos de aprendizagem, na capacitação do professorado do ensino superior. Capacitação que, em ambos os casos, repercute como diretriz política à necessidade de educação permanente nos espaços de formação.

Após essa chamada inicial dos estudos aqui publicados, poderíamos manter certa “credibilidade” na proposição ambientalista da *pegada ecológica*, como um instrumental sistêmico de observação e avaliação das fragilidades ambientais humanas. Contudo, por perceber as sutilezas da diversidade de interpretações que os artigos trazem (algo sobre as fragilidades humanas dos ambientes, talvez), preferimos pensar por *pauladas geográficas*. Se, de imediato, *pauladas* parecerão apologia à violência primitiva, adiante podem de assegurar nossas defesas teóricas; sempre indispensáveis a toda e qualquer propositura científica. Afinal, ninguém está imune à fúria de velhas e novas de racionalidades acima de qualquer suspeita!